

VIII

A INVASÃO HOLANDESA

Se á raça negra eram impostas as mais dolorosas torturas, nos primordios da organização do Brasil, não menores sacrifícios eram exigidos aos indigenas, acostumados á largueza da terra, que era propriedade sua.

As "entradas" pelo sertão com o fito de escravizar os selvagens indefesos realizavam-se, naquele tempo, em todos os recantos.

Tabas prósperas eram incendiadas de surpresa, no silencio da noite. São famosas e comovedoras as descrições a esse respeito, guardadas nos documentos antigos. Sómente de uma vez, uma caravana de portugueses capturou mais de sete mil homens válidos, mulheres, velhos e crianças. E quando os mamelucos guiadores não convenciam os naturais de que deviam acompanhá-los ás cidades mais proximas, para que as caçadas humanas se verifi-

cassem com pleno êxito, as cenas de selvajaria nodoavam a floresta virgem, enchendo de pavor os caminhos atapetados de cadáveres e de sangue coagulado. Como represalia a essas crueldades, os Tamoios nunca se harmonizaram com os portugueses. Desde o princípio de sua ação, foram seus declarados inimigos.

E, no seio dessas lutas vorazes, nas quais venciam a maior parte das vezes as criminosas astúcias dos colonos, eram os padres piedosos os que mais sofriam, experimentando a angústia de se verem desprezados pelos seus próprios companheiros da raça branca, nos sertões ínviros e hostis. A alma simples e doce dos naturais era maleável aos seus ensinamentos. Aos seus apêlos, aproximavam-se dos nucleos de civilização. Aldeavam-se para uma vida ondeira que os colonizadores destruiam com as suas taras infames e seculares. Anchieta e quase todos os outros missionários das selvas brasileiras mantiveram longas lutas, defendendo os indígenas fraternos. A verdade, porém, é que podiam esfacelar os seus pulpitos na pregação da piedade cristã, porque as suas vozes se perdiam na imensidão do céu, sem que os seus irmãos da terra as escutassem com a idéia generosa de praticar os seus suaves ensinos. Os primeiros brancos que aportaram á America do Sul, na sua generalidade, não consideravam

a existencia da lei nas extensas florestas do Novo Mundo.

E os portugueses prosseguiam, incessantemente, na faina ingrata de "descer os indios".

Regressando ao Alem, os primeiros missionarios da caravana luminosa de Ismael pedem a sua colaboração misericordiosa para que semelhante situação seja modificada. Mas, o grande apóstolo de Jesus explica: —

— "Irmãos, não podemos tolher a liberdade dos nossos semelhantes... Não sou alheio a esses movimentos hediondos, nos quais os indios, simples e bons, são capturados para os duros trabalhos do cativeiro... Esperemos no Senhor, cujo coração misericordioso e augusto agasalhará todos aqueles que se encontram famintos de justiça. Contudo, poderemos, com os nossos esforços, auxiliar os encarnados na compreensão das leis fraternas, avisando-lhes o coração, quanto aos seus divinos deveres, de um modo indireto. Infelizmente, não encontramos, na atualidade do planeta outro povo que substitúa os portugueses na grande obra de edificação da patria do Evangelho. Todas as demais nações, como o proprio Portugal, se encontram presas da cobiça, da inveja e da ambição. Os vicios de todas, as identificam perfeitamente, umas com as outras e no povo lusitano temos a considerar a austera honradez

aliada á grandes qualidades de valor e de sentimento, que o habilitam, conforme a vontade do Senhor, a povoar os vastos latifundios que constituirão mais tarde o pouso abençoado da lição de Jesus. Colonizadores desalmados, estão em todos os países dos tempos modernos, que não reconhecem outro direito a não ser o da força, deshumana e impiedosa... Recorrendo, pois, ás possibilidades de nosso alcance buscaremos, na Europa, um principe liberal, trabalhador e justo, que não esteja subordinado á politica romana, afim de caracterizar a nossa ação indireta; traremos a sua personalidade de administrador para a parte mais flagelada da nova patria, para que os seus exemplos possam servir aos que se encontram na direção das atividades sociais e politicas da colonia, beneficiando, de maneira geral, a nação inteira. Ele virá na qualidade de invasor, porquanto não encontramos outros recursos, na adoção de providencias dessa natureza; mas a sua permanencia no Brasil será curta e eventual, apenas durante os anos necessarios para que as suas lições sejam prodigalizadas aos administradores da nova terra... Preliminamente, porém, devemos considerar que os seus compaheiros não serão melhores que os portugueses, no sentido da educação espiritual. A época é de profundo atraso de quase todos os individuos, e é para desfazer essas trevas na concien-

cia do mundo que teremos de nos sacrificar nas atmosféricas proximas da Terra, trabalhando pela vitória do Senhor em todos os corações..."

Todos os fatos se verificaram, consoante as afirmações do iluminado preposto de Jesus.

Em 1624, a pretexto de sua guerra com a Espanha, os holandeses tomavam a Baía, de assalto, sob o comando de Joan Van Doorth.

Importa notar que as cenas dolorosas e lastimaveis, decorrentes da invasão, não foram organizadas pelas abnegadas falanges do mundo invisivel. As causas profundas desses fatos residiam no estado evolutivo da época. Os morticinios nas praças incendiadas e destruidas verificavam-se todos os dias, entre inevitáveis atritos das raças chamadas a povoar aqueles recantos desconhecidos.

Em 1637, entrava em Pernambuco o general holandês João Mauricio, principe de Nassau. Os benefícios imensos de sua administração, ao norte do Brasil, que foi sempre a zona mais sacrificada do país, são inumeraveis.

O Recife levanta-se á frente da Europa, como uma das mais belas cidades da America do Sul. Olinda é reedificada. Uma assembléia de mecanicos, de pintores, de arquitetos e artistas acompanha o principe de Nessau, enchendo a sua cidade de singulares esplendores. Mas o espirito construtivo do administrador holandês não se cristaliza nas expressões materiais

da sua cidade predileta. O seu amor e o seu respeito á liberdade fazem-no venerado de todos os brasileiros e portugueses de Pernambuco, cujas terras, naquela época, desciam até a região do Paracatú, em Minas Gerais. Todos os escravos que procuram abrigo á sombra da sua bandeira de tolerancia, são declarados livres para sempre e os indios encontram, no seu coração, o apoio de um nobre e leal amigo. Mauricio de Nassau estabelece a liberdade religiosa e administra Pernambuco, inaugurando aí a primeira liberal-democracia nas terras americanas, tais a justiça e a liberalidade com que se houve em seu governo.

Os Albuquerques e outros elementos em evidência no Norte, muito aprenderam com ele para as suas atividades do porvir.

A realidade, todavia, é que a lição de Nassau havia sido preparada no plano invisivel, para que os colonizadores da terra brasileira recebessem um novo clarão no seu caminho coturneiro e obscuro.

Em socorro da nossa afirmativa, podemos invocar o testemunho da propria historia, porque, terminado o tempo necessário de sua ação no Brasil, o grande principe holandês regressava á patria por imposição dos espiritos avarrentos, que formávam nessa época da Companhia das Indias, na politica holandesa, sem que encontrassem substitutos para a sua obra na

America. Apesar de suas frotas extraordinárias e poderosas, a Holanda retirou-se do Brasil sem a intervenção de Portugal, bastando, para isso o concurso dos habitantes da colônia. E quando a questão ficou definitivamente resolvida na Corte de Haia, em 1661, os holandeses embora a sua soberania marítima perdurasse até então, em troca dos seus imensos trabalhos ao norte do Brasil e dos milhões de florins aí abandonados, apenas receberam, a título de indenização, a importância de cinco milhões de cruzados.